

Refletindo o uso e abuso de drogas com adolescentes: Projeto Adolescer

Gabriela Oliveira¹
Angélica Dalmolin¹
Bernardo Moro¹
Caren da Silva Bertoldo¹
Catiele Piccin¹
Fernanda Soares Martins¹
Kélen de Barcelos Astarita¹
Mayara da Silva Bitencourt¹
Oclaris Lopes Munhoz¹
Pedro Henrique Silva Ceretta¹
Polyana de Lima Ribeiro¹
Tierle Kosloski Ramos¹
Andrêssa Batista Possati²
Larissa Venturini²
Luiza Cremonese²
Marcella Simões Timm²
Laís Antunes Wilhelm³
Lisie Alende Prates³
Lúcia Beatriz Ressel⁴

RESUMO

Por se tratar de um período de vulnerabilidade, o processo de adolescer exige da família, dos profissionais de saúde e dos professores uma atenção voltada para a temática das drogas, a fim de lidar com situações que possam culminar em danos e agravos à saúde do adolescente. Logo, são necessários espaços alternativos para os adolescentes manifestarem seus sentimentos e vivências sem repressão, com a possibilidade de uma orientação adequada. Considerando esse contexto de compartilhamento de informações e elaboração de respostas conjuntas às dúvidas comuns na adolescência, acadêmicos de Enfermagem integrantes do Programa de Educação Tutorial e discentes voluntários do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria, mediados pela tutora do Programa têm desenvolvido o projeto de extensão intitulado “Adolescer”. Este se encontra vinculado a escolas públicas de ensino fundamental e desenvolve práticas de educação em saúde, que possibilitam a criação de espaços dialógicos e de interação com os adolescentes. Este estudo objetivou relatar a experiência em três edições do Projeto “Adolescer”, nas oficinas em que foram abordadas a temática relativa ao uso e abuso de drogas. Ao longo das oficinas, construiu-se um espaço de diálogo, no qual os adolescentes manifestaram seus pensamentos e experiências, de acordo com a realidade de cada adolescente, possibilitando a construção e compartilhamento de conhecimentos. Compreende-se que, por meio de reflexões, discussões e trocas de conhecimento, é possível aproximar, empoderar e orientar os adolescentes acerca de temáticas, que, na maioria das vezes, não são trabalhadas em casa e na escola.

¹Acadêmico(a) do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) Enfermagem.

²Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGenf) da UFSM.

³Enfermeira. Doutoranda do PPGenf da UFSM.

⁴Enfermeira. Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da UFSM. Tutora do PET Enfermagem.

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período do ciclo vital, no qual os indivíduos se encontram em complexo processo de transformação, passando da infância para a vida adulta. Segundo o Ministério da Saúde (2012), essa fase inicia na segunda década do ciclo vital e compreende o período que vai dos 10 aos 19 anos. Consiste em uma fase marcada por inúmeras mudanças mentais, físicas e sociais, na qual são vivenciados os processos de maturação e desenvolvimento físico e psicológico.

Esta fase é permeada por mudanças significativas distinguidas pela descoberta e afirmação da individualidade e personalidade. Compreende um período diferenciado por alterações tanto no que diz respeito ao corpo, quanto às questões morais (FERREIRA; FARIAS, 2010). Na adolescência, as transformações são caracterizadas como elementares e estão imbricadas em valores, que podem refletir na identidade sexual e profissional dos indivíduos (DAVIM et al, 2009). É neste período que as mudanças ocorrem nos âmbitos biológico, social e, principalmente, psicológico. Portanto, ao se desenvolver física e emocionalmente, o indivíduo apresenta-se propenso a adotar comportamentos influenciados pelo contexto socioambiental (CAVALCANTE; ALVEZ; BARROSO, 2008).

A adolescência atualmente é qualificada como um período de vulnerabilidade, em decorrência das complexas mudanças vivenciadas no processo de desenvolvimento do ser humano. As alterações cerebrais, emocionais, físicas, sociais, endócrinas e sexuais ocorrem de forma simultânea, com modificações mentais, estruturais e emocionais, originando comportamentos e emoções ainda não sentidas pelo adolescente, família, amigos e profissionais de saúde que convivem com ele (DAVIM et al, 2009).

Nesta fase, os indivíduos constroem valores, que podem repercutir no comportamento, trazendo consequências significativas para a vida destes (ROEHRIS; LENARDT; MAFTUM, 2008). Este período também é marcado pela busca de liberdade e autoidentidade. Durante a adolescência, ainda são estabelecidas novas companhias e experiências, e o grupo de amigos tende a atingir importância social.

Na ótica do adolescente, estar inserido em um grupo significa comportamento saudável e faz bem ao ego; enquanto que, o não pertencer a um grupo, pode caracterizar um problema psicológico, inclusive gerando depressão (DAVIM et al, 2009). Contudo, como a adolescência está marcada por alterações psicoafetivas e de conduta, os indivíduos que vivenciam essa fase podem representar um grupo vulnerável aos graves problemas na atualidade (SILVA et al, 2014).

O adolescente busca se ajustar ao comportamento do grupo ao qual pertence, logo, depreende-se que se os componentes desse grupo forem usuários de drogas lícitas ou ilícitas, maiores serão as chances de iniciação e dependência dessas substâncias. Desse modo, considerando a influência exercida pelo contexto, compreende-se que a desinformação, os desencontros familiares e as companhias tornam o adolescente vulnerável ao uso de substâncias psicoativas, constituindo-se em um aspecto preocupante na promoção de saúde deste indivíduo (ZEITOUNE et al, 2012).

O consumo deliberado de substâncias psicoativas é considerado problema de ordem social, não só pela sua alta frequência, mas, principalmente, pelos danos e prejuízos causados à saúde, pois afeta pessoas de todas as faixas etárias com consequências biopsicossociais para a sociedade. Entre os fatores detectados junto aos adolescentes para o envolvimento com substâncias psicoativas, está a vulnerabilidade genética, psicopatologias como depressão e transtorno de personalidade antissocial, baixa autoestima, falta de perspectiva de vida, além da possibilidade destes estarem à procura de novas sensações, inclusive busca pelo prazer e curiosidade (SANCHEZ et al, 2010).

Por configurar-se em um período de vulnerabilidade, o processo de adolecer exige da família, dos profissionais de saúde e dos profissionais da educação uma atenção especial voltada para os adolescentes, a fim de lidar com situações e problemas que possam culminar em danos e agravos à saúde (DAVIM et al, 2009). Logo, é necessário que os gestores e profissionais da saúde oportunizem espaços alternativos para os adolescentes, de modo que estes possam manifestar seus sentimentos, percepções e vivências sem repressão ou julgamento, e tenham a possibilidade de receber uma orientação adequada (BRANDÃO NETO et al, 2010).

A partir da premissa de que o uso e abuso dessas substâncias ocorrem cada vez mais cedo, considera-se fundamental que os adolescentes saibam das reais consequências e das possibilidades de dependência (ZEITOUNE et al, 2012). Percebe-se a importância de oferecer ações direcionadas às demandas e necessidades associadas à promoção de saúde nesta faixa etária, visando contribuir para que os jovens possam vivenciar o processo de transição para a idade adulta com integridade, enquanto seres holísticos com suas individualidades e singularidades (CAVALCANTE; ALVES; BARROSO, 2008).

Para Magalhães, Monteiro e Figueiredo (2013), as ações educativas podem ser realizadas pelo enfermeiro, com vistas a intervir na problemática das drogas, buscando parceiras com a escola para prevenir ou, até mesmo, reduzir danos causados por essas substâncias, além da superação do consumo. A escola compreende um espaço privilegiado para a promoção de saúde, uma vez que é percebida como um ambiente de relações interpessoais situadas em um contexto compartilhado por adolescentes, acadêmicos, professores, profissionais de saúde, entre outros (ROCHA; FERRIARI; SOUZA, 2001).

Partindo destes pressupostos, a atividade grupal destaca-se como uma estratégia útil para sensibilização de jovens, pois permite a comunicação, a interação e a expressão de ideias, pontos de vista, emoções e vivências. Para Ressel et al (2011), o espaço em grupo permite a troca de informações, experiências e sentimentos, além da busca de soluções para problemas recorrentes em todas as faixas etárias.

Considerando esse contexto de compartilhamento de informações e elaboração de respostas conjuntas às dúvidas comuns na adolescência, acadêmicos de Enfermagem integrantes do Programa de Educação Tutorial (PET) e discentes voluntários do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mediados pela tutora do programa, têm desenvolvido uma atividade de ensino e extensão, a qual está registrada com o nome “Projeto Adolecer”. Este se encontra vinculado a escolas públicas de ensino fundamental, localizadas em regiões periféricas do município de Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

O “Projeto Adolecer” tem como objetivo proporcionar práticas de educação em saúde, que permitam a criação de espaços dialógicos e de interação com os adolescentes. Consiste em um projeto permeado por atividades lúdico-pedagógicas, em que são realizadas oficinas que promovem momentos educativos e, ao mesmo tempo, dinâmicos. Nestas, os adolescentes podem se expressar de modo natural, sem que existam barreiras que impeçam a troca de informações. Para isso, são ofertados espaços para discussão de temáticas que sejam de interesse dos próprios adolescentes.

Neste projeto, são oportunizados ambientes de discussão e reflexão, que auxiliam os participantes a vivenciar a adolescência. Nessa perspectiva, os adolescentes são esclarecidos quanto as suas dúvidas e são incentivados em relação à necessidade de maior reflexão crítica. Frente ao exposto, este artigo tem como objetivo relatar a experiência em três edições de oficinas do projeto “Adolecer”, nas quais foram abordadas a temática relativa ao uso e abuso de drogas.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência oriundo do Projeto “Adolescer”, no qual, estão envolvidos os acadêmicos bolsistas do PET Enfermagem, alguns acadêmicos voluntários do curso de Enfermagem e a tutora do Programa. O projeto “Adolescer” é desenvolvido em escolas públicas, localizadas em áreas de vulnerabilidade social, almejando contribuir com a formação cidadã dos adolescentes, que possam contribuir na sociedade de forma positiva.

Na realização das atividades é seguida uma conduta de responsabilidade ética. Logo, os adolescentes recebem um termo de autorização, que deve ser entregue aos pais ou responsáveis. Diante da concordância destes em relação à participação do adolescente nas atividades, eles assinam este termo, o qual, a seguir, é devolvido aos acadêmicos. As escolas envolvidas também devem assinar o termo de aceite para realização do Projeto. Desse modo, são considerados e respeitados todos os preceitos éticos durante a realização das atividades, além de ser valorizado o respeito mútuo nas vivências grupais.

O projeto “Adolescer” é desenvolvido a partir da metodologia participativa, que permite a atuação efetiva dos participantes no processo educativo, não os considerando como meros receptores, mas como pessoas que possuem experiências e conhecimentos prévios. As atividades desenvolvem-se mediante trabalho didático e pedagógico baseado na satisfação, vivência e participação dos envolvidos, valorizando seus saberes e vivências. A organização das atividades segue as orientações contidas no Manual Adolescer: compreender, atuar, acolher “do Projeto “Acolher”, que consiste em uma iniciativa da Associação Brasileira de Enfermagem e do Ministério da Saúde (ABEn, 2001).

As metodologias participativas pressupõem a atuação efetiva dos envolvidos no processo de trabalho educativo. Sob este enfoque, as experiências dos participantes são valorizadas e eles são envolvidos na discussão e na busca de soluções para os problemas emergentes. Assim, o termo “participar” significa mais do que estar presente nas ações, pois consiste estar incluído no processo de tomada de decisão, emitindo opiniões e sentindo-se confiante para buscar soluções em grupo (BRASIL, 2011).

Nessa perspectiva, serão apresentadas três edições de oficinas do "Projeto Adolescer", nas quais foram abordadas a temática relativa ao uso e abuso de drogas, com diferentes grupos de alunos de escolas do município. Na **primeira edição**, foram realizadas três dinâmicas e ainda uma dramatização.

Nesta edição, inicialmente, para incitar o interesse dos adolescentes para a participação nas oficinas, realizou-se uma dinâmica de integração, com o intuito de permitir a apresentação de cada participante e a aproximação destes com os acadêmicos condutores das atividades. Após, realizou-se a dinâmica da “Curtir e Não Curtir”, em que foi feita alusão à rede social *Facebook*, visando despertar o interesse e participação dos adolescentes, mas também aproximar a atividade da rotina destes.

Para operacionalização da dinâmica, foram confeccionadas duas caixas, sendo umas delas da cor verde em que foi representado um símbolo caracterizado como “Curtir” e na outra da cor vermelha em que constava o símbolo que representava “Não Curtir”. Posteriormente, foram entregues aos participantes duas folhas. Em uma delas, eles foram convidados a elencar assuntos que consideravam interessantes e pertinentes. Na outra, poderiam citar temas que não gostariam de debater. Após esses registros, solicitou-se que eles depositassem na caixinha “Curtir” as temáticas de interesse e as demais na caixinha “Não Curtir”. Na sequência, realizou-se a leitura dos assuntos escolhidos, destacando-se que os mais mencionados seriam abordados na atividade. Nesse contexto, as drogas associadas às ações de violência consistiram nos temas mais destacados nos registros dos adolescentes.

A seguir, desenvolveu-se a dinâmica intitulada “Verdadeiro ou Falso”, na qual cada participante recebeu duas placas, uma com a letra “V” que fazia referência à palavra

verdadeiro e outra com a letra “F” que sinalizava a palavra falso. Posteriormente, realizou-se a leitura de frases elaboradas pelos acadêmicos facilitadores da dinâmica, como, por exemplo, “álcool é uma droga”; “gestante pode beber cerveja ou qualquer outra bebida alcoólica”; “quem usa a droga crack normalmente tira notas mais baixas”; “o corpo fica dependente de droga”; “para fugir de problemas pessoais, deve-se usar droga”; “a droga impede que a pessoa usuária tenha um emprego”. Frente às frases apresentadas, os participantes poderiam manifestar-se erguendo a placa “V” ou “F”, conforme o julgamento, percepção e/ou vivência existentes sobre as questões. Eles, ainda, precisavam justificar a alternativa escolhida, momento no qual era possível gerar a reflexão e o debate entre os participantes.

No terceiro e último momento, desenvolveu-se uma dramatização. Nesta, as acadêmicas representaram uma cena em que contextualizaram a temática relativa às drogas e sua associação com a violência. Dentre os objetivos propostos com a dramatização, buscou-se instigar o debate grupal. Desse modo, após a encenação, foi sugerida uma roda de debate, em que se incentivou a discussão acerca das situações apresentadas. Além das percepções, os adolescentes tiveram a oportunidade de relatar suas experiências e sanar dúvidas.

Na **segunda edição** do projeto, foi proposta uma roda de conversa, a qual se constitui em um modelo de metodologia participativa, que tem como objetivo desenvolver um ambiente propício para que o indivíduo possa se expressar livremente e se interagir com os demais participantes (FIGUEIREDO; QUEIROZ, 2012). A roda de conversa proposta na segunda edição objetivou identificar o entendimento dos participantes sobre o uso de drogas e seus conhecimentos quanto às consequências da utilização. Nessa perspectiva, procedeu-se ao debate sobre o tema, o que proporcionou aos organizadores identificar o conhecimento e as vivências prévias dos participantes. Durante o debate, foram feitas algumas perguntas disparadoras, tais como “o consumo de drogas vicia?”; “quem é usuário de drogas consegue se manter, por muito tempo, em um mesmo emprego?”; “quem consome drogas possui boa relação com a família?”. A partir da expressão de suas respostas, os adolescentes foram estimulados a socializar seus saberes e experiências.

Além desse debate, também foi proposto o desenvolvimento de uma dramatização previamente elaborada pelos acadêmicos. Nesse sentido, os facilitadores da atividade instruíram os participantes a simularem a participação em uma festa, na qual guloseimas foram oferecidas por um dos acadêmicos. Na atividade, a guloseima foi utilizada de forma alusiva, representando uma droga ilícita. Durante o desenvolvimento da dinâmica, muitos participantes foram persuadidos a experimentar a guloseima oferecida pelo “traficante”. Ao final, foi oportunizado um momento de debate, com o intuito de promover a sensibilização sobre o tema e a reflexão sobre as atitudes apresentadas durante a dramatização. Reforçou-se o papel negativo das drogas entre àqueles que as consomem e a importância de resistir às influências externas.

Já na **terceira edição**, desenvolveu-se uma dinâmica, a partir de uma revista em quadrinhos da Turma da Mônica, mediante o gibi intitulado “Uma história que precisa ter fim”. A história concentrava-se em torno de um grupo de adolescentes, que estavam brincando com bolinhas de gude, até que um amigo interrompe a brincadeira afirmando que havia algo melhor para apresentar a eles. Nesse contexto, os adolescentes questionam: - Jogo de bafo? Esconde-Esconde? Então, o amigo apresenta-lhes um cigarro feito a partir de uma erva “especial”.

Para realização da atividade, procedeu-se a entrega de uma cópia da história a cada um dos participantes. A leitura da história foi mediada por um dos facilitadores da dinâmica e contou com a participação dos adolescentes. Após, os participantes foram divididos em dois grupos, mesclados por meninas e meninos, e foram orientados a elaborar uma dramatização acerca do contexto exposto na história em quadrinhos, considerando suas vivências e percepções sobre o tema. Depois das dramatizações, proporcionou-se um espaço para diálogo,

com o intuito de despertar a reflexão dos participantes sobre a temática. Os organizadores da dinâmica dispuseram um momento de escuta e orientação aos adolescentes, buscando propiciar a problemática gerada a partir do uso de substâncias psicoativas e ressaltando, principalmente, os danos causados aos usuários e o sofrimento provocado na família.

No segundo momento, propôs-se a realização de uma encenação temática, na qual os participantes foram convidados a criar uma cena relacionada à história apresentada na revista em quadrinhos. Na cena, eles também poderiam apresentar suas vivências em relação ao assunto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em cada uma das edições, contou-se com a participação de aproximadamente 20 adolescentes de ambos os sexos, com faixa etária variando entre 10 e 13 anos. Nas oficinas desenvolvidas no Projeto “Adolescer” utilizou-se abordagens distintas para abordar a temática relativa ao uso e abuso de drogas. Na sequência, será apresentado o relato de experiência frente à utilização de cada uma dessas abordagens.

Primeira edição: dinâmica do “V” ou “F”

Com relação à dinâmica do “V” ou “F”, algumas respostas manifestadas pelos participantes foram analisadas. Diante da afirmação “álcool é uma droga”, observou-se que doze adolescentes consideraram a frase como verdadeira e três afirmaram que era falsa. Os participantes que consideraram a afirmativa verdadeira alegaram que o álcool pode acarretar em vício e modificar os sentidos e as atitudes da pessoa que ingere esse tipo de substância. Eles também consideravam que o álcool não deveria ser vendido legalmente, tampouco em locais de fácil acesso.

Os posicionamentos dos participantes surpreenderam os acadêmicos, pois, habitualmente, a palavra “droga” é associada à cocaína, heroína, maconha, crack, por exemplo. Geralmente, o álcool não é considerado com uma droga, embora represente uma das substâncias mais consumidas e nocivas ao ser humano na atualidade. O álcool é utilizado desde os tempos mais primitivos e é considerado como um complemento nos momentos de alegria e festa, nos quais as pessoas se reúnem para comemorar e celebrar, ou em momentos de tristeza, servindo como fuga (SOUZA et al, 2010). Nesse sentido, o álcool pode ser associado a comportamentos de risco, como dirigir alcoolizado, envolver-se em discussões e situações de violência (PECHANESKY; SZOBOT; SCIVOLETTO, 2004).

Estudo epidemiológico sobre o uso de substâncias psicoativas, realizado em Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, com adolescentes entre 13 e 19 anos, constatou que 88,9% destes jovens já haviam consumido bebidas alcoólicas pelo menos uma vez na vida, 37,7% já consumiram tabaco, 31,1% solventes, 6,2% maconha e 2,7% cocaína. De acordo com este estudo, a primeira experimentação de alguma substância psicoativa, na maioria dos adolescentes, ocorreu entre os 14 e 16 anos de idade (MUZA et al, 1997). Nessa perspectiva, a curiosidade representa a causa central, que impulsiona o adolescente a experimentar a droga (PRATTA; SANTOS, 2006). Atualmente, o álcool é a substância psicoativa mais consumida pela população mundial, situação que é favorecida devido à facilidade de acesso, propiciando, assim, o consumo em diversos ambientes.

Na sequência, afirmou-se aos participantes que “quem usa crack, normalmente, tem notas mais baixas”. Os quinze adolescentes ergueram a placa, que indicava o “V” de verdadeiro. Nas falas, percebeu-se que os adolescentes relacionaram o uso do crack com a diminuição da atenção no ambiente escolar e destacaram o caráter violento que a substância pode gerar. Ainda observou-se que os adolescentes apresentavam um conhecimento prévio sobre o assunto, o que possibilitou, aos organizadores, compreender o contexto em que estes

indivíduos encontravam-se inseridos. Muitos deles relataram que a droga fazia parte de sua realidade. Alguns mencionaram que a droga era utilizada por membros do contexto familiar, o que pode ser considerado um fator contribuinte para a inserção destes adolescentes no “mundo das drogas”.

Estudo aponta a história familiar e certas características individuais como fatores que predispõem os adolescentes ao uso de substâncias psicoativas (DIETZ et al, 2011). Contudo, salienta-se que o uso de drogas pelos pais, ou outros familiares, não se caracteriza como fator exclusivo, pois, nesse contexto, também estão implicadas a atitude, a educação e as medidas disciplinares inconsistentes dos pais em relação ao uso de substâncias psicoativas.

No terceiro e último momento, no qual desenvolveu-se a dramatização, os adolescentes manifestaram atitudes de repúdio diante do comportamento da adolescente representada na encenação. A jovem simulava o furto de objetos da própria mãe e os comercializava ou trocava por drogas. Ela também apresentava reações de violência física com a mãe.

Diante da dramatização, os adolescentes expressaram conhecimento prévio sobre os malefícios causados pela droga. Eles também relataram vivências similares às situações apresentadas no ambiente familiar. Desse modo, percebeu-se a importância do debate acerca da temática, visto que esta encontra-se presente no cotidiano destes adolescentes. Outrossim, acredita-se ser fundamental propiciar um ambiente acolhedor para que os adolescentes possam discutir temáticas de seu interesse. Salienta-se que, no decorrer da oficina, construiu-se um espaço dialógico com os participantes, no qual eles tiveram a oportunidade de se expressar sobre os temas abordados, permitindo, assim, a socialização e a construção coletiva de conhecimentos (RESSEL et al, 2011).

Segunda edição: roda de conversa

A roda de conversa, desenvolvida na segunda edição do Projeto, permitiu reconhecer que o conhecimento prévio dos adolescentes sobre o tema foi elaborado a partir das informações obtidas nos meios de comunicação, como a televisão e a internet, mas, principalmente, pelo contato com pessoas que faziam uso de algum tipo de substância. Nessa direção, reconhece-se que amigos e familiares podem influenciar o jovem na decisão quanto à experimentação de drogas na adolescência. Ao mesmo tempo, autores (JINEZ; SOUZA; PILLON, 2009) também afirmam que adolescentes que residem em ambientes vulneráveis, têm maior probabilidade a utilizar algum tipo de droga devido ao ambiente em que encontram-se inseridos.

Nesse ínterim, a família desempenha papel essencial no que diz respeito à percepção do adolescente sobre o uso de drogas. É dentro do contexto familiar que os costumes e a cultura são transmitidos entre pais e filhos. Desse modo, se algum familiar utiliza substância psicoativa, é possível que o adolescente não considere tal comportamento de maneira errada e, com isso, desperte o desejo de experimentar tal substância. Tal situação é observada, principalmente, quando os pais fazem uso recorrente de álcool, contribuindo, assim, para o uso precoce entre os jovens (MALTA et al, 2011).

Ainda no debate desencadeado na roda de conversa, quando questionados se as drogas acarretavam consequências negativas para aqueles que as consumiam, todos apresentaram respostas afirmativas. Muitos relacionaram os resultados insatisfatórios na escola e a perda do emprego, entre os usuários de drogas, com o uso da substância psicoativa. Assim, foram ponderados os prejuízos acarretados pelo uso das drogas. Nessa perspectiva, autores (ZEITONE et al, 2013) enfatizam a importância do reconhecimento, entre os adolescentes, sobre os prejuízos da droga, a partir de ações capazes de sensibilizar esses indivíduos, mostrando que essas substâncias podem acarretar em problemas de aprendizado e compreensão, contribuindo para evasão escolar.

Durante o debate, também se questionou quanto à dependência causada pela droga. Os conhecimentos dos adolescentes sobre a dependência relacionou-se, principalmente, com suas vivências ou experiências compartilhadas por pessoas de seu convívio, demonstrando, assim, um cotidiano fortemente marcado pela utilização das drogas nas relações interpessoais estabelecidas por estes adolescentes.

Os adolescentes também reforçaram a influência negativa provocada pelas drogas no ambiente familiar e laboral, assim como a sociedade como um todo. Nesse sentido, reconhece-se que o consumo de drogas entre os adolescentes pode acarretar em inúmeras problemáticas de ordem física, psíquica e moral, que refletem em dificuldades financeiras, bem como na desestruturação dos lares (VASTERS; PILLON, 2011).

No segundo momento, simulou-se, a partir de uma dinâmica de dramatização, o contexto de uma festa, onde havia um traficante que oferecia drogas aos participantes. A situação representada na dramatização contribuiu na abordagem da temática, aproximando os adolescentes de um contexto, no qual a droga pode ser acessada facilmente, desencadeando, assim, o debate sobre as questões apresentadas na cena.

Pesquisa relata que as situações de experimentação e/ou os casos de uso esporádico, geralmente, ocorrem em festas ou em encontros entre amigos, pois nesses cenários as drogas têm sua entrada facilitada e a demanda é alta (ALMEIDA FILHO et al, 2007). Desse modo, destaca-se a importância do trabalho conjunto de profissionais de saúde e educadores em ações de prevenção ao uso de drogas nessa fase.

Ao longo da dinâmica, observou-se que todos os adolescentes recusaram as guloseimas oferecidas pelo acadêmico que figurava ser o traficante inserido na festa. Contudo, no desenrolar da atividade lúdica, muitos adolescentes foram persuadidos pela personagem a experimentar a guloseima. Na abordagem desta personagem, ela mencionava que a guloseima era “diferente” e promoveria sensações intensas de alegria e felicidade em quem a consumisse.

A mudança no posicionamento dos adolescentes frente à guloseima, que simulava uma substância psicoativa, demonstra como a curiosidade e a influência externa de amigos e do próprio ambiente podem desencadear o desejo de experimentação no jovem (CORRADI-WEBSTER; ESPER; PILLON, 2009). Evidencia-se, assim, a vulnerabilidade na qual os adolescentes se encontram, quando se aproximam de algo novo ou proibido, assim como o cuidado que demandam de seus pais frente a essas situações.

Ao final da dinâmica de dramatização, o papel de cada participante na dramatização foi exposto aos adolescentes. Com isso, eles justificaram seus comportamentos na cena. Nesse sentido, àqueles que experimentaram a guloseima, declararam que o fizeram pela curiosidade e desejo de consumir o produto ofertado, principalmente, pelas qualidades destacadas pelo acadêmico, que desempenhou o papel de traficante.

Nesse contexto, foram ressaltados aos adolescentes alguns pontos negativos relativos ao consumo das drogas, como a mudança no comportamento, os problemas de saúde e as alterações no estilo de vida, capazes de lhes expor às situações de violência e criminalidade (SILVEIRA et al, 2013). Essas informações geraram sensações de preocupação e seriedade nos adolescentes quanto à temática. Com isso, foi possível sensibilizá-los sobre os malefícios advindos do uso de drogas e a importância de reflexão sobre ações individuais, que podem desencadear o primeiro contato com substâncias psicoativas.

Também se destacou que outro fator que predispõe os jovens ao uso de substâncias envolve a influência de outros indivíduos. Dessa forma, o adolescente, cujos amigos ingerem álcool e/ou utilizam fumo e outras drogas, pode ser facilmente influenciado a experimentar, se comparado àquele cujos amigos evitam o contato com as drogas e não concordam com a sua utilização (SCHENKER; MINAYO, 2005).

Terceira edição: história em quadrinhos

Na terceira edição, a partir da história apresentada no gibi e da leitura realizada em grupo, proporcionou-se o vínculo entre os envolvidos na atividade, por meio de um ambiente lúdico. As atividades grupais voltadas para adolescentes pretendem oferecer um espaço de rede de apoio, que possa permitir a descoberta de potencialidades e a reflexão sobre as vulnerabilidades, visando à prevenção de agravos à saúde (MOURA et al, 2015).

Mediante a realização da atividade, constatou-se que os participantes apresentavam conhecimento prévio sobre o assunto. A partir disso, procurou-se entender o contexto em que os adolescentes estavam inseridos, considerando que muitos relataram que a droga fazia parte do cotidiano. Percebeu-se que a atividade favoreceu a compreensão do adolescente sobre o tema discutido, além de permitir sua participação ativa e o compartilhamento de relatos e experiências.

No segundo momento, em que foram desenvolvidas as encenações, observou-se que os participantes se sensibilizaram para aspectos subjetivos, que podem estar ligados ao uso e abuso das drogas. Além disso, as cenas criadas pelos participantes favoreceram a percepção quanto aos riscos frente à exposição ao uso de drogas e possíveis estratégias que possibilitam reduzir estes riscos (SOUZA; SILVA, 2014).

As cenas foram debatidas, buscando-se identificar as concepções, saberes, sentimentos, vivências e posicionamentos dos adolescentes. A partir das interpretações dos participantes, o amigo que ofertava a droga era considerado como traficante. Eles também destacaram que existiam pessoas que rejeitavam a oferta da droga, enquanto que, havia pessoas próximas, amigos e/ou familiares, que utilizavam algum tipo de substância psicoativa.

Foi possível esclarecer as dúvidas relacionadas às drogas, ao mesmo tempo em que eram geradas reflexões sobre as consequências do uso e abuso dessas substâncias. Com isso, entende-se que os indivíduos tornaram-se capazes de discernir sobre os fatores de risco, compreendendo e emitindo opiniões críticas sobre os aspectos sociais abordados.

Nesse ínterim, observou-se que o desenvolvimento de programas e projetos com foco na adolescência e no meio social destes indivíduos, são fundamentais na prevenção ao uso de substâncias químicas, fomentando a promoção da saúde e auxiliando os adolescentes na assimilação e vivência dessa fase de vida. O enfermeiro, como profissional ligado direta e indiretamente à comunidade, é considerado qualificado para atuar nos diversos âmbitos, promovendo a educação em saúde e a prevenção ao uso de drogas entre os indivíduos (SOUZA; SILVA, 2014).

Desse modo, compreendeu-se a relevância da atuação direcionada aos adolescentes, envolvendo a temática droga. Acredita-se que a construção de um ambiente agradável e dinâmico é fundamental para que os adolescentes possam refletir e debater sobre temáticas de seu interesse. Nesses espaços, os adolescentes podem participar como protagonistas, refletindo e avaliando suas escolhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização das três edições de oficinas do Projeto, abordando o uso e abuso de drogas, permitiu identificar a diversidade de percepções e vivências associadas à temática. Desse modo, enquanto alguns adolescentes afirmaram que o álcool não é uma droga e também não gera malefícios à saúde, outros identificaram o álcool como uma droga, capaz de desconstruir famílias.

Compreendeu-se que, por meio da reflexão, debate e socialização de conhecimentos, é possível aproximar, empoderar e orientar os adolescentes sobre temáticas que, na maioria das vezes, são pouco abordadas no contexto domiciliar ou educacional. Nessa perspectiva, a utilização de abordagens pautadas na metodologia participativa permite que o adolescente

participe ativamente na construção do conhecimento dos temas trabalhados. Para isso, é necessário fortalecer o vínculo com os adolescentes, de modo que eles sintam-se confortáveis para expor suas experiências e dúvidas acerca dos temas propostos nas oficinas.

Inferese-se que as atividades lúdico-pedagógicas permitem gerar nos adolescentes reflexões sobre suas vivências pessoais. Logo, entende-se que o Projeto “Adolescer”, além de promover ações educativas, auxilia na construção da cidadania do adolescente, a partir de ações de educação em saúde, que consideram o adolescente como um ser biopsicossocial, com suas particularidades e singularidades.

Os ambientes de socialização construídos por meio do Projeto “Adolescer” permitem aos adolescentes e acadêmicos do Curso de Enfermagem momentos de ensino e aprendizagem, constituídos a partir da troca de saberes e experiências. Essas atividades contribuem para a formação pessoal dos adolescentes, mas também no crescimento pessoal e profissional dos acadêmicos, exigindo destes sensibilidade, criatividade, pró-atividade e compromisso nos diversos contextos de atuação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, A. J. A. et al. O adolescente e as drogas: consequências para a saúde. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 11, n. 4, p. 605-10, 2007.

ABEn-Associação Brasileira de Enfermagem. **Adolescer**: compreender, atuar, acolher: Projeto Acolher. Brasília: Ministério da Saúde/ABEn, 2001.

BRANDÃO NETO, B. W. et al. Jovens de unidades socioeducativas em regime de semiliberdade da FUNASE, Recife-PE: vivências e expectativas. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 14, n. 4, p. 529-538, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Metodologias para o cuidado de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violência**. Série A. Normas e manuais técnicos. Brasília, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Caderneta de saúde do adolescente**. 2 ed. Brasília 2012.

CAVALCANTE, M. B. P. T.; ALVEZ, M. D. S.; BARROSO, G. T. B. Adolescência, álcool e drogas: uma revisão na perspectiva da promoção de saúde. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 12, n. 3, p. 555-9, 2008.

CORRADI-WEBSTER, C. M.; ESPER L. H.; PILLON, S. C. A enfermagem e a prevenção do uso indevido de drogas entre adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 22, n. 3, p. 331-4, 2009.

DAVIM, R. M. B. et al. Adolescente/adolescência: revisão teórica sobre uma fase crítica da vida. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 10, n. 2, p. 131-40, 2009.

DIETZ, G. et al. As relações interpessoais e o consumo de drogas por adolescentes. **SMAD. Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v. 7, n. 2, p. 85-91, 2011.

FERREIRA, T. H. S.; FARIAS, M. A. Adolescência através dos Séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 227-34, 2010.

FIGUEIREDO, A. A.F.; QUEIROZ, T. N. A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo. [internet] **Anais...** Trabalho apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 10; 2012 set 1-10 [acesso em: 24 jun. 2015]; Florianópolis.

JINEZ, M. L. J.; SOUZA, J. R. M.; PILLON, S. C. Uso de drogas e fatores de risco entre estudantes de ensino médio. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 17, n. 2, p. 246-52, 2009.

LOPES, G. T. et al. Percepções de adolescentes sobre uso/dependência de drogas: o teatro como estratégia pedagógica. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 18, n. 2, p. 202-8, 2014.

MAGALHÃES, J. M.; MONTEIRO, C. F. S.; FIQUEIREDO, M. L. F. Concepção de adolescentes sobre a prevenção do uso de crack. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v. 5, n. 6, p. 28-35, 2013.

MALTA, D.C. et al. Família e proteção ao uso de tabaco, álcool e drogas em adolescentes, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 14, n. 1, p. 166-77, 2011.

MOURA, J. R. A. et al. Conversas de adolescentes sobre drogas e sexualidade: um relato de experiência. **Revista Intertox-EcoAdvisor de Toxicologia Risco Ambiental e Sociedade**, v. 8, n. 2, p. 117-30, 2015.

MUZA, G. M. et al. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). I- Prevalência do consumo por sexo, idade e tipo de substância. **Revista de Saúde Pública**, v. 31, n. 1, p. 21-9, 1997.

PECHANSKY, F.; SZOBOT, C.M.; SCIVOLETTO, S. Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 26, supl. 1, p. 114-7, 2004.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. Levantamentos dos motivos e dos responsáveis pelo primeiro contato de adolescentes do ensino médio com substâncias psicoativas. **SMAD. Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v. 2, n. 2, p. 1-17, 2006.

ROCHA, C. R. M.; FERRIANI, M. G. C.; SOUZA, M. S. S. O acompanhamento do adolescente na escola. In: ABEn-Associação Brasileira de Enfermagem. **Adolescer: compreender, atuar, acolher: Projeto Acolher**. Brasília: Ministério da Saúde/ABEn, 2001.

ROEHRS, H.; LENARDT, M. H.; MAFTUM, M. A. Práticas culturais familiares e o uso de drogas psicoativas pelos adolescentes: reflexão teórica. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 12, n. 2, p. 353-7, 2008.

SANCHEZ, Z. V. M. et al. O papel da informação como medida preventiva ao uso de drogas entre jovens em situação de risco. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 3, p. 699-708, 2010.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 3, p. 707-17, 2005.

SILVA, A. B. et al. A assistência do enfermeiro da atenção básica ao adolescente com dependência química. **Revista Interdisciplinar**, v. 7, n. 4, p. 61-71, 2014.

SILVEIRA, H. S. et al. Efeitos das drogas lícitas e ilícitas na percepção de adolescentes: uma abordagem de enfermagem. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 21, n. 6, p. 748-53, 2013.

SOUZA, A. M. M.; SILVA, M. A. Participação acadêmica voluntária na prevenção de uso de drogas na adolescência. **Estudos**, v. 41, n. 2, p. 315-28, 2014.

SOUZA, S. L. et al. A representação do consumo de bebidas alcoólicas para adolescentes atendidos em uma Unidade de Saúde da Família. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 3, p. 733-41, 2010.

VASTERS, G. P.; PILLON, S. C. O uso de drogas por adolescentes e suas percepções sobre adesão e abandono de tratamento especializado. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 19, n. 2, p. 317-24, 2011.

ZEITOUNE, R. C. G. et al. Conhecimento de adolescentes sobre drogas lícitas e ilícitas: uma contribuição para a enfermagem comunitária. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 16, n. 1, p. 57- 63, 2012.